

R.F. LUCCHETTI

O Mestre da Pulp-Fiction



 A CASA DO MAGO DAS LETRAS

**Sombras Sobre Chicago (1999) por R F Lucchetti
O Mestre da Pulp-Fiction**

**Copyright 1999
A Casa do Mago das Letras
L P B Edições
LONDRINA - PR**

**Versão para RocketEdition
eBooksBrasil.com**

COLEÇÃO PULP-FICTION

SOMBRAS SOBRE CHICAGO

R F LUCCHETTI
O Mestre da Pulp-Fiction

ÍNDICE

Apresentação

R F Lucchetti - O Mestre do Mago das Letras

Rubens Lucchetti Está no Gibi

Bibliografia Resumida

Filmografia

Sombras Sobre Chicago

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

R F LUCCHETTI

?

R F Lucchetti é considerado um fenômeno, pois é um dos maiores, senão o maior, ghost-writers de todo o mundo, roteirista de HQ e de cinema, autor de um número incontável de histórias policiais, as famosas pulp-fictions, e de um número indefinido de livros de bolso, abordando os temas mais inesperados, principalmente o esoterismo, o mistério e o terror.

É dele uma das mais fantásticas e intrigantes definições sobre o terror. Segundo ele, imagine que você compre, numa loja de antiguidades, um raro aparelho de telefone antigo e o coloque em sua sala, como decoração. Nas horas mortas de uma noite qualquer, quando tudo está tranqüilo e você relaxa, assistindo a um filme ou ao seu programa favorito na televisão, de repente...

O telefone toca!!!

RUBENS LUCCHETTI ESTÁ NO GIBI

"Figurinha difícil, cheia dos macetes, doido por gibi, rádio e cinema. Quando você pensa que é um, é outro. Quando pensa que é outro, é ele. **RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI** só se sente bem na fantasia. Dono de muitos nomes e mil e uma histórias, é capítulo singular e fenômeno à parte na nossa literatura. Autor de novelas policiais, contos de terror, histórias em quadrinho e roteiro para cinema, para ele aventura pouca é besteira!" - Ivan Cardoso

R F LUCCHETTI
por ele mesmo

EDITADO DE ENTREVISTA CONCEDIDA A IVAN CARDOSO PARA
INTERVIEW N. 136 - ABRIL/1991

"Eu adorava ouvir seriados de rádio. O seriado radiofônico foi meu grande hit na infância e juventude. Muito mais do que o seriado cinematográfico, uma vez que era eu quem compunha as imagens. O rádio é uma extensão da memória e da imaginação, só mesmo comparável ao livro. Em ambos cabe o universo. Os seriados da minha predileção eram **Dick Peter, O Homem de Aço, O Homem Pássaro e O Sombra**. Depois de ouvi-los, exercitava minha imaginação novelizando-os.

A primeira história devo tê-la escrito aos oito anos. Era sobre um corcunda disforme, que despertava a ternura e o amor de uma linda princesa. Esse corcunda realmente existia, era um vizinho meu, que despertava medo mas que na verdade era uma boníssima pessoa. Daí eu tive a idéia de

escrever a história, para demonstrar que nunca devemos analisar as pessoas pela aparência externa.

Comecei a escrever ainda muito novo e não encontrei dificuldades em publicar nas revistas "**pulps**", geralmente com pseudônimos. Isso nunca me incomodou. Orgulhava-me de estar ao lado dos mestres do gênero: **Dorothy Sayers, G. K. Chesterton, Edgar Wallace, Edgar Allan Poe, H. P. Lovecraft, Dashiell Hammett, Sax Rohmer, Nicholas Blake, Conan Doyle, Maurice Leblanc, Raymond Chandler, Agatha Christie.**

Já apareceram contos meus em antologias em que sou citado como um autor estrangeiro. Nem se deram ao trabalho de pesquisar. Houve até uma revista portuguesa que publicou um conto meu, tirado da **Policia em Revista**. Só que foi inventada uma nota, dizendo que aquele conto fora premiado num concurso em Londres. Há um caso curioso: uma história minha apareceu assinada pôr **Coretta Slavaski**. Imaginei tratar-se de mais um pseudônimo criado pelos editores e cheguei a repeti-lo em outro conto. Mas, certa vez, ao folhear um exemplar da revista **Vamos Ler**, me deparei com esse nome assinando um conto! Levei trinta anos para descobrir que tal escritora existia!

Não existe literatura e subliteratura, como bem definiu **Oscar Wilde**. O que existe é livro bem escrito e livro mal-escrito. Não li muitos autores, mas li muito de poucos autores. Entre eles destaco **Knut Hamsun, Romain Rolland, Sigurd Christiansen, Dostoievski, Tchekhov, Moravia, Goethe, Stefan Zweig** e, naturalmente, **Machado de Assis e Monteiro Lobato**.

A palavra "**pulp**" designava revistas feitas em papel barato. As histórias publicadas por elas possuíam uma característica muito própria que tem em **Raymond Chandler** sua melhor definição: "**São histórias nas quais as cenas se sobrepõem ao enredo**".

No Brasil elas começaram a circular a partir dos anos 20. Tivemos muitas, mas as mais conhecidas foram: **Detetive, Policial em Revista, X-9. Contos Magazine, Meia Noite e Suspense.**

Uma memorável galeria (de heróis dessas revistas): **Aranha Negra, Detetive Fantasma, Morcego Negro, Willie Brann, Doc Savage. Ponga, Jim Mayo** e o maior de todos, **O Sombra.**

Eu era admirador do **Nico Rosso**, desde que vi seus desenhos ilustrando a revista **Drácula**, da **Editora Outubro**. Ficava sonhando em poder ter uma de minhas histórias desenhadas pôr ele. Encantava-me seu estilo, seu jogo de claro-escuro, as aldeias mergulhadas nas sombras; o mais banal argumento era valorizado pelo seu trabalho. Tive a felicidade de conhecê-lo quando o **Jayme Cortez** lançou seu livro. "**A Técnica do Desenho**". Logo propus-lhe a ilustração de uma das minhas histórias. Mas a coisa não aconteceu de imediato, demorou algum tempo. Como eu residia em Ribeirão Preto, era um tanto difícil nosso relacionamento; somente em 1966, com a minha mudança para São Paulo, começou nosso trabalho de parceria.

Sobre quantos livros já escreveu:

Sob os mais variados pseudônimos e heterônimos, 53. Com o meu próprio nome, 19; e como ghost writer nunca contei, mas creio que ultrapassem 300 títulos.

O crime perfeito jamais existiu, uma vez que é do conhecimento da consciência de seu autor. E pode haver uma testemunha mais implacável do que a consciência?

Devo ter uns dez roteiros inéditos e, filmados, dezenove.

Sobre como conheceu Zé do Caixão:

Foi através do **Sérgio Lima**, na época secretário da **Cinemateca Brasileira** em São Paulo. foi um encontro

formal. O Sérgio nos levou a um salão de chá na Barão de Itapetininga. O **Mojica** mostrou-se muito reservado e eu mais ainda, sou extremamente tímido com as pessoas que não conheço. Tinha o agravante de ser uma personalidade que eu admirava, eu já o achava genial, isso muito antes de saber que o **Glauber Rocha** pensava o mesmo. Depois desse primeiro encontro, criei coragem e numa tarde de sábado fui até a sinagoga, no Brás, onde o **Mojica** tinha seus estúdios. O segundo encontro foi mais amistoso e ele entregou-me um pequeno argumento para que eu roteirizasse. Três dias depois lhe entreguei o roteiro que seria um dos três episódios da "**Trilogia do Terror: Pesadelo Macabro.**"

Sobre quantos filmes já fizeram juntos:

Incluindo o episódio "**Pesadelo Macabro**", doze.

Abomino esse tipo de cinema que quer mostrar o retrato psicológico da sociedade: o relatório sobre a vida. Isso para mim é documentário da realidade e, como tal, muito maçante. Recordo-me sempre do conselho que o **Samuel Doldwin** deu a um jovem aspirante a roteirista: "Filho, se tiver que dar alguma mensagem, utilize o telefone". Para mim, cinema é diversão, máquina de sonho.

Tenho preferência por dois (contos de horror): "**O coração Revelador**" de **Edgar Allan Poe** e "**As Pombas do Inferno**" de **Robert Howard**.

Gosto de trabalhar com histórias enigmáticas, cheias de humor negro e investigação, partindo de pequenos detalhes. Tudo isso seria falso no Brasil. O próprio **Allan Poe**, um norte-americano, ao escrever a trilogia que inaugurou o romance de detetive e mistério, "**Os Crimes da Rua Morgue**", "**O Mistério de Marie Roget**" e "**A Carta Furtada**", ambientou-se em Paris, e o personagem principal delas é também um francês, o detetive **C. Auguste Dupin**. Vários dos contos de horror de **Poe** se passam na Alemanha, Espanha, Grécia e Itália.

Dez? Só Dez? (Filmes que levaria para uma ilha deserta.) Que maldade, Ivan... Você se esqueceu de que hoje existe o vídeo? Poderiam ser cem... Mas como você me deu a chance de levar somente dez... Aí vão: **"Paixão de Joana D'Arc"**, de **Carl Dreyer**, **"Luzes da Cidade"**, de **Charles Chaplin**; **"Uma Noite na Ópera"**, de **Sam Wood**; **"A Ilha dos Mortos"**, de **Val Lewton e Mark Robson**; **"O Homem Que Sabia Demais"**, de **Alfred Hitchcock**; **"Se Todos os Homens do Mundo"**, de **Christian-Jaque**; **"As Grandes Manobras"**, de **René Clair**; **"Escola de Sereias"**, de **George Sidney**; **"De Repente num Domingo"**, de **François Truffaut**; e **"O Magnífico"**, de **Philippe de Broca**. Mas, como bom brasileiro, daria um jeitinho de levar de contrabando **"O Segredo da Múmia..."**

De quais de seus roteiros transformados em filme gosta mais:

"O Estranho Mundo de Zé do Caixão" e **"O Segredo da Múmia"**. Com a ressalva de que ainda não vi **"O Escorpião Escarlate"**.

BIBLIOGRAFIA RESUMIDA

MÚSICA SECRETA (Poemas em Prosa)

Edição do Autor, Ribeirão Preto, 1952

NOITE DIABÓLICA (Contos Macabros)

Editora Outubro, São Paulo, 1963

OURO DOS MORTOS

Editora Outubro, São Paulo, 1963

O DOBRE SINISTRO

Editora Outubro, São Paulo, 1963

CERIMÔNIA MACABRA

Editorial Bruguera, Rio de Janeiro, 1972

FIM DE SEMANA COM A MORTE

Editorial Bruguera, Rio de Janeiro, 1972

CONFISSÕES DE UMA MORTA

Editorial Bruguera, Rio de Janeiro, 1972

LEGIÕES DE VAMPIROS (antologia)

Editora Edrel, São Paulo, 1972

OS AMANTES DA SRA. POWERS

Cedibra, Rio de Janeiro, 1973

*** À MEIA-NOITE LEVAREI SUA ALMA**

Cedibra, Rio de Janeiro, 1974

*** ESTA NOITE ENCARNAREI NO SEU
CADÁVER**

Cedibra, Rio de Janeiro, 1974

*** O VALE DOS MORTOS**

Cedibra, Rio de Janeiro, 1974

SETE VENTRES PARA O DEMÔNIO

Cedibra, Rio de Janeiro, 1974

A ESCRAVA DE SATANÁS
Cedibra, Rio de Janeiro, 1974

A MALDIÇÃO DO SANGUE DE LOBO
Cedibra, Rio de Janeiro, 1974

O FANTASMA DO TIO WILLIAM
Cedibra, Rio de Janeiro, 1974

A HERDEIRA REBELDE
Cedibra, Rio de Janeiro, 1974

O EMISSÁRIO DE SATÃ
Cedibra, Rio de Janeiro, 1975

OS VAMPIROS ATACAM (Antologia)
Editora Saber, São Paulo, 1975

NOS DOMÍNIOS DE DRÁCULA
Cedibra, Rio de Janeiro, 1975

SEXO DE ENCOMENDA
Cedibra, Rio de Janeiro, 1975

O CRIME DA GAIOLA DOURADA
Difel Difusão Editorial, São Paulo, 1979

O FANTASMA DO TIO WILLIAM (2a. edição)
Cia. Melhoramentos, São Paulo, 1983

O CRIME DA GAIOLA DOURADA
Círculo do Livro, São Paulo, 1983

CARLITOS, O MITO ATRAVÉS DA IMAGEM
Editora Colégio, Ribeirão Preto, 1987

DRÁCULA (Recontado)
Editorial Cunha, São Paulo, 1987

O CRIME DA GAIOLA DOURADA (Relançamento)
Círculo do Livro, São Paulo, 1987

VAMPIRISMO, O CINEMA EM PÂNICO (parceria com Ivan Cardoso)
Editora Brasil- América/Fundação do Cinema Brasileiro, Rio de Janeiro, 1990

O FANTASMA DO TIO WILLIAM (3a. edição)
Editora Ática, São Paulo, 1992

A TEIA NAS SOMBRAS
Editora Fitipaldi, São Paulo, 1993
UMA SOMBRA DO PASSADO
Editora Fitipaldi, São Paulo, 1995
O LOBISOMEM
Editora Fitipaldi, São Paulo, 1995

(*) - Adaptados dos filmes de José Mojica Marins.

Sob os mais variados pseudônimos, publicou 53 pocket-books pela Cedibra Editora Brasileira, Rio de Janeiro, 1973/1981, nos gêneros: aventura, fantasia, policial, romântico.

Como ghost-writer escreveu cerca de 817 títulos até dezembro de 1996.

FILMOGRAFIA

FILMES EXPERIMENTAIS

EM COLABORAÇÃO

COM BASSANO

VACCARINI

1960 - ABSTRAÇÕES (Estudos 1, 2, 3 e 4)

1º Prêmio Categoria Fantasia no VIII Concurso de orientação de Cinema Amador do Foto-Cine Clube Bandeirante - São Paulo, abril de 1961

1960 - FANTASMAGORIAS (inacabado)

1961 - COSMOS

1961 - TOURBILLON

Menção Honrosa na V Journées Internacionale du Cinéma d'Animation - Annecy, 1963

"Fotograma de Ouro" - Prêmio Oficial do Conselho Nacional de Cine-Clubes, ao melhor filme de Categoria Experimental
Todos os prêmios foram ganhos no I Festival do Filme Brasileiro de Curta-Metragem - Salvador, Fev/1965

1961 - A SOMBRA (inacabado)

1961 - VÔO CÓSMICO

1961 - RINOCERONTES

1961 - VIAGEM À LUA

1961 - ESTUDO 5

1962 - CATEDRALLE

1962 - ARABESCOS

1962 - VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA DE MIRÓ

1962 - PAINEL ABSTRATO

1963 - PLANIFICAÇÃO (inacabado)

FICÇÃO

1968 - TRILOGIA DO TERROR (episódio PESADELO MACABRO) - Roteiro

Direção: José Mojica Marins

1968 - ESTRANHO MUNDO DE ZÉ DO CAIXÃO - Roteiro

Direção: José Mojica Marins

1969 - RITUAL DOS SÁDICOS - Roteiro

Direção: José Mojica Marins *

1971 - SEXO E SANGUE NA TRILHA DO TESOURO - co-autor do argumento-roteiro

Direção: José Mojica Marins

1971 - A MARCA DA FERRADURA - roteiro

Direção: Nelson Teixeira Mendes

1971 - FINIS HOMINIS (O FIM DO HOMEM) - Roteiro

Direção: José Mojica Marins

1971 - QUANDO OS DEUSES ADORMECEM - Roteiro

Direção: José Mojica Marins

1972 - A HERDEIRA REBELDE - Argumento e Roteiro

Direção: Nelson Teixeira Mendes

1974 - EXORCISMO NEGRO - co-autor do argumento-roteiro

Direção: José Mojica Marins

1975 - A ESTRANHA HOSPEDARIA DOS PRAZERES Roteiro - Direção: Marcelo Motta

1976 - INFERNO CARNAL - Roteiro

Direção: José Mojica Marins

1977 - MUNDO - MERCADO DO SEXO (MANCHETE DE JORNAL) - Roteiro

Direção: José Mojica Marins

1977 - DELÍRIOS DE UM ANORMAL - Roteiro

Direção: José Mojica Marins

1981 - A PRAGA (inacabado) - Roteiro

Direção: José Mojica Marins

1982 - O SEGREDO DA MÚMIA - (Prêmio "Melhor Roteiro" no X Festival de Gramado, 1982) - Roteiro

Direção: Ivan Cardoso

1984 - MEU HOMEM, MEU AMANTE - Argumento

Roteiro e Direção: Jean Garret

1986 - AS 7 VAMPIRAS - Argumento e Roteiro

Direção: Ivan Cardoso

1990 - O ESCORPIÃO ESCARLATE - Argumento e Roteiro

Direção: Ivan Cardoso

1992 - A SEITA DOS ESPÍRITOS MALDITOS - co-autor do argumento-roteiro

Direção:

José Mojica Marins

1993 - O GATO DE BOTAS EXTRATERRESTRE - Adaptação e Roteiro

Direção: Wilson Rodrigues

EM PRODUÇÃO

AMAZÔNIA MISTERIOSA, de Gastão Cruls - adaptação e roteiro em colaboração com Márcio Souza

- Direção: Ivan Cardoso.

(*) - Liberado pela censura somente em 1983 e rebatizado com o título de O DESPERTAR DA BESTA (Prêmio "Melhor Roteiro" no II Rio-Cine Festival, 1986)

VÍDEO

1986 - CHAPÉUZINHO VERMELHO - Adaptação e Roteiro - Direção: Wilson Rodrigues

1987 - JOÃOZINHO E MARIA - Adaptação e Roteiro - Direção: Wilson Rodrigues

SOMBRAS SOBRE CHICAGO

DEPOIS DE DESPERTAR MARAVILHOSAMENTE BEM DISPOSTA, A MOÇA VIU COM SURPRESA E PAVOR ACONTECEREM-LHE AS COISAS MAIS ESTRANHAS.

CAPÍTULO I

A primeira coisa que ela notou naquela manhã foi o tempo maravilhoso. Parou um momento à frente do hotel e respirou profundamente. Eram oito horas e vinte quatro minutos da manhã e o ar estava frio e suave. Mais tarde, esquentaria, mas naquele momento, a temperatura era perfeita.

A segunda coisa que ela notou, sem motivo algum, foi um homem recostado na parede do edifício fronteiro. Era alto de ombros curvados e rosto fino e moreno. Tinha lido um jornal e dobrava-o cuidadosamente para guardá-lo no bolso do paletó.

O homem olhou para ela, o que lhe agradou no momento.

A moça virou para a esquerda, na calçada, e caminhou rapidamente para o ponto do ônibus. Na esquina das ruas Elm e Michigan, o guarda, um simpático e jovem Irlandês, cumprimentou-a sorrindo.

— Lindo dia, não acha? – disse ele.

A moça sorriu.

— Sem dúvida. É pena que eu tenha de passar o tempo todo presa num escritório, num dia como esse.

— Que gostaria de estar fazendo? – perguntou o guarda.

— Oh, não sei. – A moça se perfilou e aspirou profundamente. Via diante de si os banhistas na água azul do lago e os pequenos barcos no horizonte, que pareciam

pintados no céu.

— Acho que gostaria de navegar – disse ela.

— Num belo iate, hem? – disse o guarda.

— Acho que não. Não é qualquer um que pode possuir um iate. Mas não há mal em desejar.

— Naturalmente não.

Às oito e vinte e nove, o ônibus chegou e ela sorriu para o guarda e embarcou. Quando o ônibus partiu, ela olhou para a janela.

O homem alto, de rosto fino, estava na esquina, observando o ônibus...

* * *

A moça esteve ocupada toda a manhã. Trabalhava como datilógrafa numa grande companhia editora. Quando se havia diplomado na escola de comércio, a sua ambição era ser secretária particular de alguém. Tinha pensado sensatamente em trabalhar num banco ou numa grande companhia de seguros, fazendo-se pouco a pouco indispensável a um dos diretores, de preferência um diretor jovem e solteiro. Entretanto, via agora quanto fora ingênua.

Encontrava prazer no seu trabalho. Conversava com os redatores e escritores, ouvia-lhes as idéias e era fácil verificar às vezes que estava de fato ajudando fazer os livros, ao invés de apenas passar à maquina os manuscritos.

Ao meio dia e meio desceu para o almoço. Fazia refeições no restaurante do edifício, pois era mais conveniente para ela e mais barato. A maior parte dos empregados fazia lá suas refeições e a atmosfera era agradável, pois conhecia todo mundo e todos gostavam dela.

Quando acabou de almoçar, tomou café e fumou um cigarro. Depois, foi esperar o elevador.

Enquanto esperava lá, aconteceu olhar casualmente para

as portas giratórias que davam para a rua. Viu um homem sair do edifício. Era alto, de ombros curvados e estava de paletó cinzento. Teve a impressão de que era o mesmo homem que havia visto duas vezes naquele dia...

Quando entrou no elevador, estava de sobrolho levemente carregado.

* * *

Nessa noite percorreu a pé o quarteirão do Boulevard Michigan para o seu apartamento. Ao chegar à porta do edificio, olhou por cima do ombro. Havia meia dúzia de transeuntes na rua. Parou um momento com a mão na maçaneta da porta. Depois, sorriu e entrou com uma estranha sensação de alívio.

Não vira sinais do homem alto, de ombros curvados.

O seu apartamento se compunha apenas de um quarto mobiliado e "kitchenette". O quarto dava para a rua e o sol da tarde penetrando pelas venezianas se espalhava pelo velho tapete cinzento.

Amava o apartamento e a sensação de independência e segurança que lhe dava. Estava realmente acima de suas posses, mas tinha a intenção de fazer trabalhos extraordinários para cobrir a diferença.

Os móveis eram usados mais confortáveis, e ele havia decorado as paredes com ilustrações das revistas da sua companhia.

Fechou a porta e pendurou a capa. Não tinha nenhum encontro naquela noite, esperava com prazer a hora do jantar e, antes, um gostoso banho de chuveiro. Olhava pela janela, viu que tinha começado a chover. Sorriu e entrou na cozinha. Havia dois ovos cozidos na geladeira, o copo de geléia. Preparou a comida rapidamente, pôs um prato na mesa e resolveu tomar banho antes do jantar.

A chuva estava mais forte e escurecera de repente. Gostava da chuva e da falsa escuridão que ela produzia. Parecia tornar o seu pequeno apartamento confortável como o calor de uma lareira em noite de inverno. Despiu-se e entrou no banheiro levando o roupão e as chinelas. Gradou o chuveiro numa temperatura agradável e tomou um banho delicioso.

Tinha loucura por um chuveiro. Tomava dois e as vezes três banhos por dia, sabendo que era um luxo que não podia dispensar.

Depois de ter-se ensaboado completamente, deixou a água lavar o corpo até sentir um estremecimento de frio.

Saiu então de baixo do chuveiro e enrolou-se numa imensa toalha. Depois de ter-se enxugado, olhou-se maquinalmente no espelho. Tinha longos cabelos cor de ouro e sabia que era esse detalhe que a fazia parecer mais bonita do que realmente era. O seu corpo era leve, mas tinha ombros retos e um belo colo. Depois de uma honesta apreciação, achou que as pernas não podiam ser mais perfeitas.

* * *

Sentindo-se aquecida, limpa e bem disposta, vestiu o roupão, enfiou os pés nas chinelas e entrou no quarto.

Parou na janela e olhou para a rua que a chuva tornava reluzente. O aguaceiro de meia hora antes se transformara numa garoa persistente.

Viu então outra coisa, que a fez estremecer de medo. De pé, no outro lado da rua, olhando para a sua janela, estava o homem alto, de ombros curvados. Tinha levantado a gola do paletó e estava agora usando um chapéu que lhe deixava na sombra o rosto comprido e moreno.

Parecia esperar, pacientemente, com as mãos enterradas

nos bolsos, e pela posição da cabeça dele via-se que estava olhando para cima.

A moça recuou prontamente para o interior do quarto, sentindo o coração palpitar de maneira estranha. Não havia motivo para sentir medo ou sequer inquietação. Até aquele dia não tinha visto o tal homem. Não existia nenhum motivo para que alguém a espionasse.

Sabia que seus temores eram ridículos, mas tratou de fechar completamente as venezianas.

Isto a fez sentir-se um pouquinho melhor. Foi à cozinha, então, mas a comida, em que havia pensado com interesse alguns minutos antes, já não a atraía.

Mordeu um biscoito e tomou meio copo de leite. Em seguida, quase contra a vontade, voltou à janela. Erguendo cautelosamente a veneziana, olhou para a rua.

O homem ainda estava lá.

Observou-o por alguns minutos, sentindo uma certa satisfação em saber que ele não a estava vendo. Depois, voltou-se e parou um momento no meio do quarto.

Sentia-se extremamente fria e o apartamento parecia ter perdido o antigo conforto. Não havia motivo para isso – pensou ela. – Tudo continuava como antes. Contudo estremeceu e encolheu-se como uma criança assustada.

— É tolice – disse em voz alta. — Tenho vinte e três anos. Ganho 36 dólares por semana. Ninguém poderia ter qualquer interesse por mim. Não vou permitir que os nervos me dominem.

Reanimando-se um pouco, voltou para a mesa de jantar. Terminou dessa vez a salada de camarão e comeu a geléia. Lavou e guardou a louça, fez uma xícara de chá e tomou-a sentada no sofá.

Encolhendo os pés debaixo da roupa, começou a folhear uma revista. Quando começou a ter sono, tomou outra xícara de chá e depois percebeu que não tinha vontade alguma de ir

para a cama.

Lutou contra o sono porque tinha medo de adormecer.

Isto causou-lhe mais medo do que qualquer outra coisa. Foi à porta, passou a corrente, e depois estendeu-se no sofá cama. Sabia que precisava dominar aquele medo insensato, imediatamente.

Despiu o roupão, deitou-se na cama, puxou as cobertas até o queixo e, em seguida, estendeu a mão e apagou a lâmpada.

Esperou muito quieta que o sono chegasse. Custou muito a vir. O cérebro estava curiosamente agitado. Os mais leves ruídos pareciam sensibilidade estranhamente exagerada. Sentia as pequenas dobras das cobertas contra o corpo e as mais pequenas dobras da cama incomodavam-na sem cessar. As suas pupilas se acostumaram à escuridão e ela divisou o vulto dos móveis cujas formas ficam estranhamente deformadas pelas sombras. Sem mover a cabeça, percorreu o quarto com os olhos, identificando os objetos cuja aparência noturna a amedrontava como pesadelo.

Ouviu o relógio da catedral bater duas horas e depois adormeceu.

* * *

Na manhã seguinte, sentia-se fatigada e deprimida. Parecia ter as pernas pesadas e sentia um princípio de dor de cabeça.

Olhou imediatamente para o lado oposto da rua, receosa do que esperava ver, mas forçando a própria vontade.

O outro lado da rua, tirando o porteiro do edifício que varria as folhas da calçada, estava completamente deserto.

Reanimou-se. O peso desapareceu-lhe das pernas e quase riu. O dia pareceu-lhe de súbito alegre.

— Tolinha — disse consigo mesma, dirigindo-se para o ponto de ônibus.

O guarda irlandês sorriu-lhe quando a viu na fila.

— Outro dia bonito – disse ele.

Conversaram por algum tempo. A moça ficou indecisa se devia dizer-lhe que um homem a havia seguido na véspera. Resolveu o contrario. Ele era tão alegre e prático que provavelmente riria dos seus temores.

Quando o ônibus partiu, ela olhou pela janela e deu-lhe adeus. Ao voltar-se para tirar da bolsa o dinheiro da passagem, viu um homem de pé na esquina oposta àquela em que havia tomado o ônibus. Era o sujeito alto, de ombros curvados. O olhar dela cruzou com o dele, antes que o ônibus se afastasse. Havia percebido uma fixidez impressionante nos olhos do homem que a fitara fria e deliberadamente.

O chofer do ônibus sorriu quando ela pôs o dinheiro na caixa.

— Deve ter dormido mal – disse ele. — A sua mão está tremendo como uma folha.

* * *

A moça procurou ver o homem na hora do almoço, mas não o viu. De volta para a casa, teve a desagradável impressão de que estava sendo vigiada. Olhou para trás várias vezes, esperando sempre avistar o homem de ombros curvados, porém não viu nem sinais dele.

Entrando no apartamento, fechou a porta e passou a corrente. Em seguida, se sentou no sofá e acendeu um cigarro, tentando afastar o medo que pouco a pouco a invadia.

Tinha o pressentimento de que alguma coisa ia acontecer embora não soubesse o quê.

Quando acabou de fumar o cigarro, entrou no banheiro e acendeu a luz. Notou imediatamente que a cortina estava pendente fora da banheira e a água que pingara dela havia

formado uma poça no ladrilho.

Fez um gesto maquinal de irritação. Tinha recomendado à arrumadeira, muitas vezes, para não deixar a cortina daquela forma. Devia deixá-la ficar pendente sobre a banheira, de forma que a água ao gotejar não se empossasse no chão. A arrumadeira, entretanto, esquecia-se disso freqüentemente.

Depois lembrou-se de uma coisa. Aquele dia era quinta-feira. A moça arrumava o apartamento às terças feiras e sábados.

Tentou lembrar-se se tinha deixado a cortina fora da banheira, depois do banho da manhã, mas tinha certeza de que não a deixara daquela forma. Era uma coisa de que não se esquecia nunca.

Entrou novamente no quarto. Estava lutando contra a explicação que lhe ocorrera.

— Ninguém pode ter estado aqui — pensou — Talvez a arrumadeira tenha vindo hoje, embora não seja seu dia. Talvez tenha mudado o dia de arrumar os apartamentos.

Foi ao telefone e falou à portaria.

— Pode me dizer se a arrumadeira esteve no meu apartamento hoje?

— Houve alguma coisa? — perguntou o homem, preocupado.

— Não... Não, nada. Curiosidade, apenas... Poderia dizer-me?

— Pois não.

Houve uma espera. Finalmente a voz do empregado tornou a vir pelo fio.

— Não, a arrumadeira não veio hoje. Virá arrumar o seu apartamento depois de amanhã.

— Estou percebendo. Obrigada.

— Deseja mais alguma coisa?

— Não, era só.

A moça desligou o aparelho lentamente. Sentia-se de

novo invadir por um frio de terror. Olhou para a corrente na porta, dirigiu-se à janela e olhou para a rua. Não tinha acendido nenhuma lâmpada e sabia que não podia ser vista.

O homem estava de pé no outro lado da rua. Parecia ler um jornal, mas enquanto ela o observava ergueu a vista para a janela do apartamento e depois continuou a ler.

A moça se sentou no sofá, sentindo o coração bater com força e descompassadamente. De repente, escondeu o rosto nas mãos e começou a chorar.

Por que o homem a estava seguindo? Que tinha feito a ele ou a qualquer outra pessoa?

* * *

Lutou para dominar aquele medo nervoso e enxugou os olhos. Pensou em chamar a polícia, mas não sabia o que dizer. Não sabia ao certo para que seção devia telefonar e receava que não a levariam a sério. Não era uma pessoa importante e talvez na polícia rissem de sua idéia de que estava sendo seguida por um homem misterioso.

Pensou então na cortina do banheiro. A idéia de que o homem pudesse ter estado no seu apartamento e remexesse em alguma coisa deixou-a gelada de terror.

Lembrou-se do seu olhar de uma fixidez impressionante. Podia imaginá-lo olhando o conteúdo dos seus móveis, pegando nos objetos da sua penteadeira.

Ergueu-se de um salto, abriu a porta do armário e acendeu uma pequena lâmpada sobre a penteadeira. Havia nesta um espelho de mão, um estojo de manicura, vários potes de creme e uma caixa de pó.

Estavam no lugar onde os havia deixado de manhã. As suas pulsações se tornaram mais regulares. Sentou-se diante da penteadeira e olhando-se no espelho. Estava pálida e com olheiras.

Ficou um momento a olhar para sua imagem no espelho, sem sentir reminiscências de alguma novela policial que tivesse lido, mas a excitação fez-lhe voltar a cor as faces.

Ajoelhou-se diante da penteadeira e abriu uma das pequenas gavetas. Depois separou um fio de cabelo e arrancou com um puxão.

O cabelo era longo, dourado e fino. Atou cuidadosamente uma ponta dele no puxador da gaveta e a outra na perna da penteadeira.

Se abrissem a gaveta o fio de cabelo se quebraria e então ela ficaria sabendo...

* * *

Na manhã seguinte, não viu o homem de ombros curvados, quando saiu do edifício. Olhou para as duas extremidades da rua, mas não o descobriu em parte alguma. A sua inquietação diminuiu. Sentiu-se ligeiramente excitada ao caminhar para o ponto de ônibus. A idéia de atar o fio de cabelo na gaveta da penteadeira deixara-a contente. Dera-lhe a impressão de lutar inteligentemente contra forças indefinidas e sombrias.

O guarda da esquina cumprimentou-a e sorriu como de hábito. Não tinha a intenção de falar sobre a sua situação, mas de repente, ocorreu-lhe a idéia de que estava só. Sabia que não era uma heroína. Temia centenas de coisas e não gostava da idéia de ter de enfrentá-las sozinha.

— Pensará que é tolice — começou ela de súbito — mas o fato é que um homem anda a seguir-me.

O guarda não riu dela e ela ficou-lhe grata por isso. Ao contrário, o jovem irlandês franziu o sobrolho e pediu-lhe que lhe contasse o que havia.

Quando a moça terminou, o guarda tinha uma grave expressão na fisionomia.

— Vigia-la-ei agora – disse ele. — Há muita gente esquisita no mundo, senhorita. Talvez seja algum sujeito de más intenções.

— Mas o que desejaria? – perguntou ela.

O guarda sorriu e olhou-a de alto a baixo. Fê-lo sem insolência, mas de maneira significativa.

— Eu já havia pensado nisso – disse ela.

— Darei parte do seu caso ao Departamento de Investigação – prometeu o guarda. — Foi bom ter-me dito. Talvez não seja nada, mas não custa verificar.

A moça se sentia muito melhor quando tomou o ônibus. Parecia-lhe que tinha descansado parte do peso nos ombros de outro, ombros que eram muito mais largos e mais possantes do que os dela.

Nessa noite, entrou no apartamento quase alegre. Atirou a capa no sofá e sacudiu os sapatos dos pés. Não tinha visto o homem de ombros curvados durante todo o dia e sentia uma tranqüilidade que não experimentava havia dois dias.

Entrou no banheiro para apanhar o roupão e as chinelas e depois se lembrou do seu ardil na gaveta da penteadeira. Verificou com alívio e satisfação que o fio da gaveta estava no lugar.

Deu uma risada e arrancou-o da gaveta. Que tolice! Ainda a sorrir, olhou para o fio de cabelo que tinha na mão. O sorriso dissipou-se nos seus lábios e as suas pulsações se aceleraram.

Aproximou-se da luz e examinou o cabelo. Ficou gelada de terror.

O fio de cabelo na sua mão era longo e fino, mas "preto"!

CAPÍTULO II

Allan Mason desembarcou do trem em Nova York às sete horas, naquela noite. Tinha duas horas de espera entre os trens e pareceu-lhe uma ótima oportunidade para estender as pernas e tomar um trago.

Caminhou para a rampa de saída dos passageiros da Estação Union, que o fazia lembrar-se das catedrais alemãs que vira havia um ano, mas ou menos. Naturalmente, várias das catedrais não estavam em bom estado de conservação, mas davam a mesma impressão, com as imensas arcadas e as vastas naves.

Tomou o seu gole e depois comprou um jornal. Estava aborrecido de sua demora ser tão curta. Havia em Chicago vários amigos a quem não via desde que se haviam separado na Alemanha, no fim da guerra.

Passou uma vista no jornal e depois olhou a hora. O relógio da estação marcava sete e meia. Dispunha ainda de uma hora e meia e de repente teve uma inspiração. Remexendo no bolso, tirou um velho caderno de endereços. Continha os nomes e telefones de vários amigos e falar-lhes pelo telefone era como que vê-los pessoalmente.

Atirou fora o jornal e rumou para um telefone público. Era um rapaz esbelto, com uma basta cabeleira negra, queixo pontiagudo e olhos azuis. Tinha ombros retos e largos e caminhava com o desembaraço de um homem de músculos treinados.

Consultou o caderno de endereços e discou em seguida o número de um amigo chamado Slats Harrigan, um sargento de sua unidade, condecorado por atos de bravura.

Slats atendeu o telefone. Allan reconheceu sua voz

descansada e sorriu.

— Sargento Harrigan? – perguntou.

— É engano de número – disse Slats, depois de uma curta pausa. — Há um Slats Harrigan aqui, mas o último sargento da família foi mandado para a cadeia por ter atirado uma granada num clube de Oficiais, dois dias depois de ter dado baixa. Quem está falando?

— Aqui é Allan Mason, paspalhão – disse Allan. — Como vai a vida civil, rapaz?

— Allan! – exclamou Slats. — Onde é que está você? Responda e irei falar-lhe imediatamente.

— Mas devagar – disse Allan. — Estou na cidade por uma hora. Vou tomar o trem às nove horas. Como não tinha tempo de falar a você pessoalmente, resolvi telefonar.

— Estou contente com isso – replicou Slats, mais lentamente. — É pena que não possamos conversar pessoalmente. Lembra-se daquela noite perto de Nápoles? Foi o diabo...

Allan se lembrava. Conversou com Slats durante meia-hora, disse "alô" para a mulher dele e ouviu o garoto do ex-sargento balbuciar qualquer coisa.

* * *

Depois desse telefonema, Allan consultou novamente o caderno e seu dedo parou no nome de Billy Royce. Billy tinha sido um problema especial na bateria. Impulsivo, inconstante e rebelde. Algumas vezes, essas qualidades tinham sido úteis, porém, mais freqüentemente haviam deixado toda a unidade em dificuldade.

O endereço de Royce era na Rua Elm nº 6 e o telefone estava no nome da irmã dele, Shirley Royce.

Allan discou o número. Após alguns momento, ouviu alguém erguer o fone. Houve outro intervalo, depois outro

mais longo, e finalmente uma voz feminina disse com hesitação.

— Alô!

A voz era pouco mais de um murmúrio e tinha um certo tom que fez Allan franzir o sobrolho. Parecia denotar tensão e medo.

— É Shirley Royce, quem está falando? – perguntou ele.

— Sim – respondeu ela e a tensão e o medo na voz dela pareceram-lhe mais fortes.

— Quero falar com Billy Royce – disse Allan.

A moça deu um grito abafado e depois sua voz se ergueu nervosamente.

— Por que não me deixa em paz? Não tenho nada do que você quer. Por favor, deixe de perseguir-me desta forma.

Allan ouviu-a chorar e de repente o telefone foi desligado.

Allan bateu várias vezes no gancho antes de desligar. Depois, olhou no livro de endereços que tinha na mão, abanou a cabeça e encolheu os ombros. Tirou outro níquel do bolso e discou para o mesmo número.

Desta vez houve uma demora ainda maior antes de alguém atender do outro lado. Esperou que alguém respondesse, mas quem estava no outro lado da linha estava escutando e não falando.

— Posso falar com Billy Royce? – perguntou.

Esperou de novo. Estava a ponto de repetir a pergunta quando ouviu o telefone ser desligado. Desligou também, enraivecido, esperou alguns minutos e tornou a discar o mesmo número.

Desta vez não houve resposta. Ouviu o telefone tocar cerca de dez vezes. Em seguida, repôs o fone no gancho e saiu da cabine para a estação.

Não podia imaginar o que tinha acontecido. Shirley Royce... Se fora Shirley Royce... Não o conhecia nem tinha motivo para ter medo dele. Estava, evidentemente, com

muito medo de alguém.

Allan não pôde esquecer o incidente. Sentou-se no bar da estação e pensou no caso muito tempo, sem poder encontrar uma explicação.

Aos dez minutos para as nove horas, pagou a despesa e encaminhou-se para o trem. Um carregador aproximou-se sorrindo.

— Mudei a sua bagagem – disse o homem.

— Excelente. Quanto tempo tenho?

O homem olhou para o trem.

— Pouco tempo – respondeu. — A máquina já está engatada. É melhor tomar o carro.

Allan cerrou o sobrolho e ficou indeciso. Não gostava das coisas inacabadas. Encolheu os ombros e caminhou para o trem. Depois, mudou de idéia.

— Carregador, tire minha bagagem do trem – disse ele.

— Não lhe resta tempo para fazer coisa alguma – replicou o homem.

— Eu não vou tomar o trem – declarou Allan. — Tire minha bagagem e leve-a para o ponto de táxi.

* * *

Um táxi conduziu-o à rua Elm, uma hora depois. Tinha alugado um quarto num hotel, tomara banho, fizera a barba e seguira imediatamente depois para a rua Elm.

Um empregado sorriu-lhe de trás de uma pequena escrivaninha, no saguão.

— Sou um amigo de Billy Royce – explicou Allan. — Queria falar-lhe.

— O Sr. Royce não tem aparecido há algum tempo – respondeu o homem. — Realmente nunca morou aqui, mas costumava passar uma vez ou outra para falar à sua irmã Shirley.

— Shirley! — exclamou Allan, com o que desejava que fosse uma expressão de alegre surpresa — Shirley está aqui?

— Oh, sim — respondeu o homem. — É amigo dela?

— Sou mais amigo do irmão — disse Allan — mas não quero perder a oportunidade de ver Shirley enquanto estou aqui. Qual é o apartamento dela?

— N 3-A — informou o homem. — Quer que eu avise que o senhor vai subir?

— Não é preciso — respondeu Allan. — Desejo fazer-lhe uma surpresa.

Subiu ao terceiro andar num elevador automático e percorreu um pequeno corredor até à porta marcada 3-A.

Bateu duas vezes e esperou.

Ouviu passos leves e rápidos que se aproximavam da porta. Os passos pararam e ele não ouviu nenhum outro ruído.

Bateu novamente.

Uma voz feminina, a mesma que ele ouvira pelo telefone, perguntou:

— Quem é?

— Allan Mason. Fui amigo de Billy Royce durante a guerra. Pode dizer-me onde poderei encontrá-lo?

Houve um ligeiro silêncio, em seguida a mesma voz perguntou:

— Como posso saber que está dizendo a verdade?

Allan sentiu uma súbita irritação.

— Escute — disse ele, separando cuidadosamente as palavras. — Não tenho necessidade de mentir agora. Perdi um trem para vir falar a você. Pareceu-me tão amedrontada no telefone que decidi vir aqui ver se podia ser-lhe de alguma auxílio.

— Vá-se embora ou chamarei a polícia — replicou a voz, e mais uma vez Allan notou que exprimia um profundo terror.

Talvez fosse tolice insistir — pensou ele. — Com certeza, a

moça era uma doente mental, vivendo num mundo de terrores imaginários.

— Está certo – disse ele.

* * *

Desceu e saiu para a rua sem olhar para o empregado na portaria. Sentia-se aparvalhado. Atravessou a rua para esperar um táxi.

Olhou para a janela da moça. Uma das venezianas estava ligeiramente erguida e pareceu-lhe ter visto um movimento, como se ela estivesse a observá-lo discretamente.

— Olhe à vontade, menina – disse consigo mesmo. — Nunca mais terá outra oportunidade.

Caminhou para o meio-fio e olhou para as duas extremidades da rua, procurando um táxi. Não viu nenhum, mas notou um homem de pé no escuro, duas casas mais adiante. O homem estava recostado na parede do edifício com um cigarro pendente nos lábios. Era alto, quase tanto quanto Allan e tinha o rosto moreno e fino.

Olhou para Allan e caminhou na direção oposta.

Allan continuou olhando para o homem quando alguém chegou por trás dele. Voltou-se e viu um policial fardado, parado à distância de alguns passos.

Allan olhou para ele.

— É aqui um bom ponto para se pegar um táxi? – perguntou.

— Que anda fazendo por aqui? – perguntou o policial. Acercou-se e olhou atentamente para Allan.

— Não adianta enganar-me – replicou o guarda. — Para que anda perseguindo aquela moça?

— Que moça?

— Não se faça de inocente. Vi você sair do edifício onde ela mora.

— Pelo amor de Deus! – exclamou Allan. — Há novas leis aqui? É crime esperar um táxi ou sair de um prédio de apartamentos?

O guarda sacou uma pistola e apontou-a para Allan.

— Siga – ordenou ele. — Vou levá-lo para o distrito.

Allan sentiu uma raiva súbita, mas percebeu que não adiantaria discutir.

— Está certo – disse, encolhendo os ombros — mas qualquer dia, vamos tomar uma cerveja juntos para conversamos sobre isto. Eu gostaria de saber o que está acontecendo.

— Siga – ordenou o policial.

* * *

Caminharam para a extremidade do quarteirão. O policial abriu a caixa do telefone. Guardou a pistola na cinta, mas continuou vigiando Allan. Um Cadillac preto veio rapidamente pela Rua Rush.

Entrou na Rua Elm e parou. Allan viu três homens saltarem e caminharem para o lugar onde ele estava com o policial.

Um dos homens que tinha saltado do carro colocou uma pistola às costas de Allan. Outro homem, um sujeito alto, de ombros curvados, arrebatou o telefone das mãos do policial e pôs-lhe o cano de uma pistola ao flanco. O último homem segurou o braço de Allan.

— Entre no carro! – ordenou ele.

O homem alto pôs o fone no ouvido e disse:

— É melhor virem buscar Flaning – disse no bocal e desligou.

Não pôde terminar a frase. O homem alto baleou-o duas vezes. Em seguida, empurrou-o para o chão.

Allan foi empurrado para dentro do carro. O homem alto

se sentou ao lado dele. Outro homem, um sujeito de fisionomia alegre e olhos azuis, se sentou do outro lado. O motorista pôs o carro em movimento.

O carro arrancou com rapidez e ganhou velocidade, imediatamente.

CAPÍTULO III

Allan foi conduzido a um hotel no lado Sul de Chicago. Em redor, viam-se apenas casebres de madeira ameaçando cair. Allan viu um sinal de tráfego na esquina da Rua 35.

O motorista saltou, e abriu a porta. Allan saltou e foi conduzido por uma escada de madeira para um quarto nos fundos do hotel. O homem alto bateu duas vezes e uma voz murmurou qualquer coisa atrás da porta.

Entraram. Sentado à janela, numa imensa cadeira de braços estava um dos homens maiores que Allan já vira. Era enorme. O terno escuro que estava usando parecia prestes a romper-se nas costuras.

Tinha fartos cabelos pretos, penteados para trás, o rosto era do tamanho de uma bola de basquete, com um nariz proeminente, olhos afastados e uma boca sem expressão, como tudo que é desproporcionalmente grande.

As mãos enormes descansavam nos braços da cadeira. Permanecia inteiramente imóvel, olhando para o homem alto, de ombros curvados que acabava de entrar.

— Então – disse, afinal. — Quem é esse homem.

A sua voz também era estranha. Tinha uma esquisita suavidade. Não parecia pertencer àquele homem de tamanho descomunal.

— Ele está interessado na moça – respondeu o homem alto. — Pensei que quisesse falar-lhe.

O homenzarrão se voltou para Allan, observando-o atentamente com os grandes olhos azuis.

— Que quer você? – perguntou.

— Não sei – respondeu Allan. — Hoje à tarde, eu estava de viagem para Cleveland. Agora, não sei qual é meu

destino. Talvez me ajude a compreender tudo isso. Um guarda me prendeu, em seguida chegaram os seus homens e deram dois tiros nele. Depois, fui trazido para aqui. Não sei de que se trata.

O homenzarrão voltou o rosto para o homem alto.

— Balearam um guarda?

— Foi preciso.

— Quem o baleou?

— Eu.

O homenzarrão cerrou o sobrolho e Allan viu medo na sala, a reação animal em face do perigo. O homem de ombros curvados se agitou inquietamente e de súbito Allan sentiu as mãos úmidas de suor.

O homenzarrão inclinou lentamente a cabeça.

— Não creio que tenha sido bom. Talvez não faça mal, talvez sim. Veremos.

Allan sentiu a tensão diminuir. O homem alto passou a mão pelo rosto, que reluzia de suor.

— Sim, veremos – disse ele.

O homenzarrão se voltou novamente para Allan.

— Você conhece Billy Royce?

Allan fez um sinal afirmativo.

— Quando o viu pela última vez?

— Na Europa, há cerca de dezoito meses. Estávamos na mesma unidade, no fim da guerra. Depois, nos separamos. Telefonei esta tarde, mas não consegui falar-lhe.

— Onde a irmã disse que ele estava?

— Ela não disse. Ameaçou chamar a polícia quando fui falar-lhe.

— Para que foi procurá-la?

Allan encolheu os ombros.

— Parecia assustada quando lhe falei no telefone. Pensei que talvez pudesse ajudá-la.

— Não adianta – O homenzarrão fechou novamente a

carranca e se voltou para o homem alto. — Leve-o e arranque-lhe o resto da história.

Allan sentiu uma arma encostar-se à sua espinha e ouviu a porta se abrir. A mão de um homem segurou-lhe o ombro e fê-lo dar meia volta. O sujeito de rosto alegre, que viera ao seu lado do carro, apontou com a cabeça para o corredor.

— Vamos! – ordenou.

Allan saiu acompanhado pelos três homens. Foi conduzido por um corredor e empurrado para dentro de outro quarto. Os homens não perderam tempo. Dois deles ataram os braços de Allan às costas. Depois atiraram-no numa cama e ataram-lhe os pés às grades da mesma.

O homem alto se aproximou da cama empunhando uma chibata.

— Não gostamos disto, camarada – disse ele. — Por que então você não facilita as coisas para nós?

— Nada tenho para dizer – declarou Allan.

— Precisamos certificar-nos – replicou o homem.

Deu uma chibatada de leve na palma da mão, depois começou.

* * *

Uma hora mais tarde o homem de ombros curvados perguntou:

— Ainda não sabe nada?

— Nada – disse Allan.

Sentiu os lábios se moverem, mas as palavras lhe causaram surpresa. Não julgava que estivesse em condições de falar. O rosto estava intacto, mas era a única parte do corpo que fora poupada. Reconduziram-no pelo corredor para o quarto do homenzarrão, algum tempo depois.

O volumoso indivíduo continuava sentado na cadeira. Dirigiu a Allan um olhar inexpressivo. Tinha na mão a

carteira de Allan, que parecia do tamanho de um selo naquela imensa mão.

— Examinamos suas passagens de trens – disse ele — Você ia realmente para Cleveland. Fizemos outras investigações e acreditamos que você nada sabe, realmente. Os rapazes o porão no próximo trem, É só.

O homenzarrão voltou o rosto para o sujeito alto.

— Prepare-o e leve-o para o trem. Depressa.

* * *

O camarote parecia quente. Allan se sentou faticosamente. O homem alto, de ombros curvados, vigiava-o da outra cadeira.

— Partirá dentro de alguns minutos – disse ele. — Teve sorte.

Allan respirou profundamente, sentindo que até isso lhe aumentava as dores que sentia no corpo.

— Sim, tive sorte – disse ele.

— Foi o que acabei de dizer. Agora, esqueça completamente do que aconteceu.

O homem alto levantou-se.

— Vou-me embora. Não se meta a engraçado, agora. Estarei na plataforma até o trem partir.

Olhou Allan por um momento. Em seguida, saiu do camarote. Cerca de um minuto depois, o trem partiu. Allan esperou até que o último carro tivesse saído da estação. Tocou então a campainha, chamando o cabineiro.

O trem estava passando no cruzamento da Rua 12 quando o cabineiro enfiou a cabeça pela porta.

— Chamou, cavalheiro?

— Sim. Qual é a próxima parada?

— Rua 63. Paramos lá para receber mais passageiros.

— Muito bem. Prepare minhas malas. Vou saltar.

— O senhor embarcou agora mesmo – disse o homem. — Já quer saltar?

— Prepare minhas malas – respondeu Allan, simplesmente.

— Pois não, cavalheiro – disse o cabineiro. — Parece-me que não está passando bem. Está doente?

— Estou doente, de fato – disse Allan — e jamais ficarei bom se sair de Chicago.

O caneiro abanou a cabeça e encolheu os ombros.

— Está certo – disse ele. — Estaremos na Rua 63 dentro de alguns minutos.

Allan tomou um táxi na Rua 63 e disse ao motorista que o conduzisse a qualquer hotel da vizinhança. De vez em quando, olhava para o espelho, mas não notou que algum outro carro estivesse acompanhando o táxi. Talvez os homens não tivessem pensado que lhe ocorresse a idéia de saltar na Rua 63.

* * *

O quarto do hotel era quieto e confortavelmente mobiliado. Allan pediu um copo de uísque e, em seguida se despiu sem dificuldade. Tomou um banho de chuveiro, que o fez sentir-se muito melhor. A toalha, entretanto, foi uma tortura para a sua pele. Tinha equimoses do pescoço para baixo e pareceu-lhe que uma das costelas inferiores estava partida.

Depois do segundo gole, pegou o livro de endereços e telefonou para Slats Harrigan. Slats não demorou.

— Aqui é Allan, Slats.

— Ah, muito bem. Que aconteceu? Perdeu o trem?

— Isso foi uma parte do que aconteceu – disse Allan. — Escute, Slats, preciso de seu auxílio.

Houve uma pausa. Em seguida a voz de Slats voltou, um

pouco mais calma.

— De que se trata, rapaz?

— Quer auxiliar-me?

— Não faça perguntas inúteis. De que se trata?

— Quero que telefone para uma moça chamada Shirley Royce. É irmã de Billy Royce. Procure de qualquer forma, marcar um encontro com ela num lugar discreto. Irei também. Preciso falar com ela, Slat.

— Não estou compreendendo – declarou Slat. Contudo, acho que poderei fazer o que me pede. Dê-me o número do telefone.

— Espere um minuto. Acho que aí é que está a dificuldade, Slat. Quero que você saiba de uma coisa. Talvez eu o esteja metendo numa terrível embrulhada.

— Qual é o número do telefone dela? – perguntou Slat, com ligeira irritação.

Allan deu o número do telefone de Shirley Royce.

— Se conseguir o encontro, telefone para mim no Hotel Edgewood. Procure um bom lugar para o encontro. Não conheço a cidade. Escolha um café com salas reservadas.

— Está certo – disse Slat. — Vou telefonar para ela agora. Liguei para você quando conseguir qualquer coisa.

CAPÍTULO IV

A moça se assustou quando o telefone tocou. O detetive que estava sentado no apartamento dela olhou-a interrogativamente.

— Estava esperando um telefonema? – perguntou ele.

— Não. – A moça abanou a cabeça. – O telefone tocou novamente, fazendo-a estremecer. Se o detetive não estivesse presente, ela teria ficado louca de terror.

O homem levantou-se e foi ao telefone. Estendeu a mão para o fone, mas não terminou o movimento. Olhou para a moça e apontou-lhe o aparelho.

— Atenda – disse ele. — Repita o nome de quem estiver telefonando. Repita tudo o que a pessoa disser, como se o fizesse naturalmente.

A moça ergueu o fone e disse:

— Alô!

Uma voz que ela ainda não tinha ouvido perguntou:

— É Shirley Royce?

— Sim, aqui é Shirley – disse ela, e levantou as sobancelhas para o detetive.

— É Slat Harrigan quem está telefonando – disse a voz no telefone — Servi na unidade de seu irmão, durante a guerra.

— Slat Harrigan?

O detetive estava escrevendo com rapidez.

— Eu gostaria de sair em sua companhia, qualquer noite, ou talvez almoçarmos juntos – continuou a voz.

— Sair em sua companhia?

A moça olhou indecisa para o detetive, que fez com a cabeça um gesto de aprovação.

— Ora, o prazer será todo meu – disse a moça.

— Posso ir buscá-la depois do trabalho?

— Oh, sim. Trabalho no Edifício Lux. Pode esperar-me na entrada às cinco horas.

O detetive fez um gesto de aprovação. Cobriu o bocal com a mão e disse:

— Combine para amanhã.

— Amanhã seria conveniente para mim – disse a moça no telefone — Que diz?

— Excelente. Não terá dificuldades em me reconhecer. Sou um sujeito feio de cabelos vermelho.

— Está combinado – disse a moça.

Desligou o telefone, sentindo-se fraca e com muito medo. Voltou-se para o detetive.

— Ele disse que era amigo de meu irmão.

— Ouvi quase tudo – declarou o homem.

Sentou-se novamente e tirou um charuto do bolso. Era um homem baixote, grisalho e de feições tristes. Parecia fatigado e preocupado. Chamava-se Sam Gold.

— Não estou gostando disto – disse ele. — Nada por onde se pegar. Primeiro, notou que um homem a estava acompanhando, anteontem. Depois, alguém telefonou perguntando pelo seu irmão. Meia hora depois, veio vê-la. lembra-se da voz dele? Era o mesmo homem que acabou de telefonar?

— Não sei, não tenho certeza – respondeu a moça.

Sam Gold suspirou fatigadamente.

— Você diz que viu o guarda prender o tal homem e levá-lo para a caixa do telefone. Isto foi há cerca de duas horas. Não viu o que aconteceu no caixa do telefone, mas nós sabemos que o guarda de serviço na rua foi morto. Algumas pessoas dizem ter visto um carro aparecer na esquina e três homens saltarem. Ouviram-se tiros, mas ninguém viu quem os disparou. Chegamos ao local alguns minutos depois e

encontramos o guarda Fennigan assassinado com dois tiros. Agora, você recebe este outro telefonema.

O detetive se levantou e foi até à porta.

— Conserve isto na porta – disse ele apontando a corrente. — Poremos um homem de guarda lá fora, mas não custa nada ter cautela. Amanhã à tarde, vá encontrar-se com o sujeito que telefonou. Estaremos lá, no saguão, de maneira que não deve ter receio algum.

Sam Gold deu boa noite e saiu, fechando a porta. A moça pôs a corrente, depois se sentou e fumou um cigarro.

Sentia muito medo. Não podia controlar as pulsações do coração nem o tremor dos lábios. Tinha havido um assassinato naquela noite. No dia seguinte, ela ia encontrar-se com um homem que dizia ser amigo de seu irmão. Talvez fosse, porém...

* * *

O elevador levou-a rapidamente para baixo, na tarde seguinte. Pareceu-lhe que o carro descia mais depressa do que de costume. Umedeceu os lábios e tentou sorrir, quando a porta do elevador se abriu.

Olhou em torno. Viu num canto o detetive Sam Gold, lendo um jornal. A moça se voltou e viu um rapaz alto e forte, de cabelos vermelhos, que vinha caminhando para ela. O rapaz sorriu com incerteza.

— É Shirley Royce? – perguntou.

A moça sentiu as pulsações se acelerarem.

— Sim – respondeu, tentando sorrir.

— Muito bem. Eu sou Slat Harrigan.

Não estava impecavelmente vestido, mas a impressão não era desagradável.

Slat continuava a sorrir para Shirley Royce quando Sam Gold se aproximou. Outro homem, mais alto e mais forte,

abaixou a aba do chapéu e se aproximou pelo outro lado.

O segundo tinha as mãos enterradas nos bolsos.

Sam Gold tocou no braço de Slats Harrigan. Exibiu-lhe um distintivo na palma da mão direita.

— Muito bem, camarada, qual é a sua idéia?

Slats olhou para a moça e para os dois homens ao seu lado. O seu rosto denotava imenso embaraço.

— Não tenho idéia alguma – disse ela. — Telefonei para esta moça e convidei-a para sair comigo. Ela aceitou.

— Fale aqui ou falará no distrito policial – replicou Sam Gold. — Para que queria falar-lhe?

Slats cerrou o sobrolho, depois encolheu os ombros.

— Não sei o que significa isto – disse ele. — Não conheço essa moça, mas conheci muito o irmão dela, Billy. Um amigo comum telefonou-me na noite passada e pediu-me que telefonasse para ela e marcasse um encontro.

— Quem é esse outro amigo? – perguntou Sam Gold.

— Um camarada chamado Joe Smith – respondeu Slats, prontamente.

Sam Gold abanou a cabeça.

— Não se chama Allan Mason? – perguntou o detetive.

— Não conheço nenhum Allan Mason – respondeu Slats.

— Um sujeito com esse nome telefonou para ela ontem – disse Sam Gold. — pensei que você o conhecesse. Quem é esse Joe Smith? Onde está agora?

Slats ficou um pouco embaraço.

— Está à nossa espera – disse ele.

— Onde?

— Num bar do Boulevard Jackson.

— Muito bem – disse Sam Gold. — Não o deixaremos esperar.

Apontou com a cabeça para as portas giratórias.

— Vamos!

A moça saiu entre Slats e o outro detetive. Na calçada,

Sam Gold chamou um táxi. Mostrou o distintivo ao motorista.

— Leve esses dois ao bar Foley, no Boulevard Jackson.

Abriu a porta do táxi e fez sinal a Slat e à moça para entrarem.

— Não saltem em parte alguma no trajeto – avisou ele.

Slat ajudou Shirley a entrar no carro.

— Não tenha receio – disse ele. Nada lhe acontecerá.

* * *

O carro afastou-se lentamente do meio-fio. Sentada perto da porta, a moça olhava apreensivamente para o rapaz sentado na outra extremidade da almofada. Slat abanou a cabeça, confuso.

— Não estou compreendendo nada disto – disse ele. — Acho, entretanto, que o meu amigo está metido numa embrulhada dos diabos.

Embora não soubesse por que, a moça não tinha medo dele, tendo, ao contrário, a impressão de que devia confiar naquele rapaz de rosto franco que a acompanhava no carro.

— Também não compreendo coisa alguma – disse ela.

O táxi parou diante do bar do Foley, alguns minutos depois. Slat pagou ao motorista. O carro que conduzia Sam Gold e o outro policial parou alguns metros atrás.

Slat ajudou Shirley a descer. Sam Gold havia saltado também do carro e fez-lhes um sinal com a cabeça.

— Vamos entrar – disse Slat, segurando o braço da moça.

Passaram pela porta giratória e se encontraram num bar não muito bem iluminado.

CAPÍTULO V

Allan os viu imediatamente. Estava sentado diante do balcão, tomando um copo de cerveja. Quando viu Slatz entrar atrás da moça, acabou de tomar a bebida e estendeu a mão para receber o troco.

Notou que a moça era bonita e estava com medo. Tinha cabelos dourados e olhos grandes. O corpo esbelto e flexível permitia-lhe andar com leveza e graça.

Shirley Royce parou ao pé da porta e olhou hesitante para Slatz. Allan olhou também para ele e percebeu que alguma coisa havia acontecido.

Slatz olhou-o como se não o reconhecesse e Allan julgou que ele havia feito um sinal quase imperceptível com a cabeça. Slatz e Shirley se dirigiram para um reservado no fundo do salão.

Allan pediu outra cerveja ao garçon. Depois viu as portas se abrirem novamente, entrar um homem de rosto grave, vestido com apuro. Atrás do primeiro entrou outro, mais alto e mais gordo, com a aba do chapéu puxada sobre os olhos. O último tinha o tipo inconfundível de um detetive.

Allan provou a cerveja. Os dois homens percorreram toda a extensão do bar, olhando para os rostos em volta. Escolheram assentos à pouca distância de Allan e pediram cerveja. Allan viu o primeiro homem olhar casualmente para o reservatório onde Slatz e a moça estavam sentados. Depois, voltou-se e começou a conversar sobre esportes com o outro homem.

Allan terminou o segundo copo de cerveja lentamente. Os dois policiais estavam vigiando Slatz e a moça. Slatz o ignorava. Isto significava que o interesse dos policiais era por

quem vinha encontrar-se com a moça.

Acabou de tomar a cerveja e olhou para o relógio. Não sabia o que aconteceria quando procurasse sair.

Ergueu-se lentamente, apanhou o maço de cigarros no balcão e tirou um. Apalpou os bolsos à procura de fósforos, mas não a encontrou. Notou que os policiais estavam a observá-lo.

Um homem não sai de um bar com um cigarro apagado exceto se estiver com muita pressa. Apalpou novamente nos bolsos e depois se voltou para o detetive bem trajado.

— Acabei meus fósforos. Tem fogo?

O detetive passou-lhe a caixa de fósforo.

— Certamente – disse ele.

— Obrigado – Allan acendeu o cigarro, sorriu para o detetive e encaminhou-se para a porta.

A dez passos da porta, alguém segurou-lhe o braço. Allan se voltou. O detetive mais baixo estava de pé ao lado dele. O seu rosto não exprimia coisa alguma.

— Que deseja? – perguntou Allan, tentando falar calmamente.

— Os fósforos – disse o homem — Esqueceu-se de devolvê-los.

— Ora bolas – disse Allan. Tirou a caixa de fósforos do bolso e entregou ao detetive. — Perdão, esqueci. A força do hábito, com certeza.

— Não há nada – disse o detetive — Mas eram os únicos fósforos que eu tinha. De outra forma, eu lhes daria com prazer.

Allan sorriu e se voltou de novo para a porta. Deu três passos, esperando que lhe agarrassem novamente o braço. Teve vontade de voltar-se, mas percebeu que não seria aconselhável. Empurrou a porta, contendo a respiração.

Ninguém o segurou.

Voltou-se para a direita e saiu andando pela rua.

* * *

A moça olhou para o relógio e depois para Slats. Havia diante dela um copo de bebida intacto.

— Seu amigo está atrasado – disse ela.

Slats sorriu. Estava apreensivo desde quando tinham entrado no bar, mas a tranqüilidade lhe voltara. Olhou para os detetives e encolheu os ombros.

— Talvez meu amigo não venha – disse ele.

— São sete horas – disse a moça. — A que horas o espera?

— É difícil dizer.

Alguns minutos depois, Sam Gold foi ao reservado, Olhou para Slats.

— Muito bem – disse ele. — Queremos a explicação agora. Quem era o tal sujeito? Onde está ele agora? De que se trata?

— Já lhe contei a minha história – respondeu Slats. — vim aqui encontrar-me com um camarada chamado Joe Smith. Ele não apareceu.

— Está certo – replicou Sam Gold. Olhou em volta e chamou o outro detetive — Leve este camarada, Mac.

O outro homem fez um sinal a Slats.

— Levante-se, rapaz – ordenou.

Sam Gold olhou para a moça.

— Levá-la-ei para casa – disse ele.

Acompanhou-a até a porta do apartamento. A moça abriu a porta e olhou para dentro, Sam Gold olhou também. Ela sorriu nervosamente.

— Acho que está tudo certo – disse.

— Tiramos um bilhete branco está noite – observou o detetive. — Mas continuaremos a trabalhar. Um policial ficará de guarda à sua porta, portanto não se aflija. Durma bem. Se alguma coisa acontecer informe-me imediatamente.

Tem o número do meu telefone?

— Tenho sim.

— Muito bem. Boa-noite.

— Boa-noite.

A moça fechou a porta e passou a corrente. Uma lâmpada estava acesa. Acendeu duas outras para afugentar o escuro. Sentia-se gelada de medo. Era fácil Sam Gold dizer-lhe que dormisse bem, mas era-lhe quase impossível fazê-lo.

Tirou o roupão armário e se dirigiu para o banheiro. Ao empurrar a porta, sentiu-se bater em qualquer coisa. Teve um sobressalto.

Ao estender a mão para o interruptor, tocou em outra mão. Abriu a boca para gritar, porém foi tarde.

Alguém tapou-lhe a boca e imobilizou-lhe os braços.

— Calma – disse uma voz. — Ninguém lhe vai fazer mal.

A moça resistiu desesperadamente, debatendo-se até ficar exausta. Vibrou um pontapé com o bico do sapato e o homem deu um grito de dor.

A mão comprimiu-lhe a boca com mais força. Os seus braços foram puxados para as costas.

— Calma – disse novamente a voz. — Nada poderá fazer. Soltarei você quando o detetive se retirar.

Ela ouvia as palavras sem compreendê-las. Dominava-lhe um imenso terror. Continuou esperneando até perder as forças. Sentiu-se carregada, então, e já nem tinha forças para gritar...

* * *

Allan observou-a quando recuperou os sentidos. Os cílios dela se agitaram e ele pôs-lhe a mão no ombro.

Deitada no sofá, a moça começou a voltar a cabeça para um lado e outro, no travesseiro. Quando abriu os olhos, Allan pôs delicadamente os dedos nos lábios dela.

— Não faça barulho – disse ele.

— Quem é você? – perguntou, quase imperceptivelmente, com os olhos dilatados de terror.

— Sou Allan Mason, amigo de seu irmão. Sei que você está em dificuldades, embora ignore o motivo. Desejo ajudá-la, mas você precisa confiar em mim.

A moça pareceu reconhecê-lo, então.

— Você estava no bar, ainda agora, não estava? Vi-o quando entrei.

Allan fez um sinal afirmativo.

— Vi os detetives entrarem e sai. Pensei que enquanto eles estavam entretidos no bar, eu poderia vir esconder-me aqui. Custou-me 5 dólares ao porteiro.

A moça se sentou e tentou sorrir.

— Sabe a razão de tudo isto? – perguntou ela.

— Dir-lhe-ei o que sei – disse Allan. — Vim aqui ontem depois de ter telefonado para você. Quando não me quis receber, desci para tomar um táxi, pensando que tinha perdido o tempo. O guarda na rua me prendeu e levou-me à caixa do telefone para dar informações ao distrito. Antes que ele tivesse tempo de fazê-lo, três homens saltaram de um carro. Torturaram-me, tentando descobrir o que eu sabia sobre seu irmão. Depois, verificaram que eu de nada sabia e me puseram num trem. Saltei na Rua 63 e telefonei a um amigo, Slat Harrigan. pedi-lhe que arranjasse um encontro com você. O resto você conhece. Que sabe mais para me dizer?

— Nada – respondeu a moça. — Um homem andava a seguir-me há três dias. Alguém entrou e revistou meu apartamento. Não posso imaginar o motivo de uma ou de outra coisa.

Allan tirou cigarros e ofereceu-lhe um. Estava segurando o fósforo para acendê-lo quando o telefone tocou. Os dois se entreolharam.

* * *

A moça abanou a cabeça lentamente. Quando a campainha tocou novamente ela se levantou e foi até à mesa do telefone. Segurando em uma das mãos o cigarro apagado, atendeu. Escutou por alguns instantes. Em seguida, o seu rosto se iluminou.

— Billy! – exclamou. — Onde está você?

Allan foi colocar-se rapidamente ao lado dela. A voz no telefone lhe era audível.

— Como vai você, irmãzinha?

— Bem, mas onde está você?

— Na cidade. Tenha cuidado, Shirley. Você está em perigo.

— Eu sei, Billy. – O olhar dela se cruzou com o de Allan.

— Billy, você conhece um rapaz chamado Allan Mason?

— Allan Mason? Certamente — foi sargento de minha companhia. Que sabe a respeito dele?

— Conheci-o há pouco – disse ela. A sua voz denotava imenso alívio. Allan sorriu para ela, que retribuiu com outro sorriso. Depois a voz do irmão fez-se ouvir de novo. — Shirley, estou em dificuldades. Nada fiz de mal. Juro como não fiz. Entretanto, envolvi-me num negócio com certos sujeitos e recuei no último momento. Eles não gostaram. Andam à minha procura. E irão procurá-la também, Shirley.

Allan estendeu a mão para o telefone, pedindo consentimento a moça com um olhar. Ela fez um sinal de aquiescência. Allan tomou o fone.

— Billy – disse ele. — quem fala aqui é Allan Mason. Tomarei conta de sua irmã. Entretanto, desejaria que você me desse qualquer idéia sobre este negócio insensato.

— Graça a Deus você está com Shirley – replicou Billy.

— Allan, não posso contar-lhe tudo. Envolvi-me com um grupo de patifes. Planejamos um negócio, mas recuei em

tempo. Tomei o avião e sai da cidade na véspera do negócio ser efetuado. Posso provar o que estou dizendo. Contudo, sei que eles andam à minha procura. Voltei por causa de Shirley.

— Onde está você agora?

— No Hotel Clarewill. É na zona Norte.

— Muito bem. Fique quieto. Vou falar a você.

— Allan, é...

— Cale-se! Se não tem culpa, nada deve temer. Irei falar com você. Depois, ajustaremos contas com certos camaradas que foram pagos para fazer este trabalho.

Allan devolveu o fone à moça.

— Shirley – disse a voz de Billy – você pode confiar em Allan. É um rapaz direito e tem mais coragem do que se imagina.

— Está certo, Billy.

Quando a moça desligou, Allan contou-lhe o que tinha sabido.

— Vou agora ao Hotel Clarewill – disse ele. — Fique quieta e tenha cuidado.

Allan caminhou para a porta.

— Espere um instante – disse ela. — Você vai meter-se em apuros. Eu gostaria de dizer-lhe que não se envolvesse com esse negócio, mas estou com tanto medo que não me atrevo a recusar um oferecimento de auxílio. Tenha cuidado, por favor. E muito obrigada.

Allan deu-lhe uma palmadinha no ombro e sorriu.

— Fique descansada.

* * *

O porteiro do Hotel Clarewill era um rapaz de 25 anos, olhos muito brilhantes e mãos macias e brancas como as de uma moça.

— Mora aqui um sujeito chamado William Royce? –

perguntou-lhe Allan.

O porteiro riu dele, intimamente. Em seguida empurrou o registro de hóspedes por cima da mesa.

— Olhe — disse, tentando ocultar o riso — O senhor parece capaz e eficiente.

Allan folheou o registro até encontrar o nome de William Royce.

— Está aqui — disse ele. — qual é o quarto?

— Segundo andar, quarto 2 — respondeu o porteiro, sempre sorrindo. — para que deseja falar-lhe?

— Apenas para conversamos — disse Allan, observando o rapaz. — Nada que lhe interesse.

Afastou-se da mesa do porteiro e subiu uma velha escada. No segundo andar, percorreu um corredor poeirento até chegar ao quarto nº 2. Bateu duas vezes.

Não houve resposta. Esperou um segundo, em seguida empurrou a porta. Encontrou logo o interruptor ao lado da porta.

O quarto não era bonito. Havia duas cadeiras de espaldar reto, um velho tapete cinzento e uma cama de ferro, na qual havia um corpo, deitado de bruços, mas o rosto estava olhando para o teto. Tinham virado a cabeça até fazê-lo olhar na direção oposta. Isto não é fácil. É preciso que o pescoço esteja quebrado para que o rosto se volte para trás daquela forma.

O pescoço estava quebrado, de fato, dando ao cadáver uma horrível aparência.

O cadáver era de Billy Royce.

Allan fechou quietamente a porta e se aproximou da cama, contendo a náusea e o ódio que sentia. Havia uma mesinha ao lado da cama, com uma carteira de cigarros, fósforos e o exemplar de uma revista...

* * *

Allan ficou um momento no quarto, sem que lhe ocorresse qualquer idéia. Depois, desceu. O porteiro sorriu para ele e esfregou as mãos.

— Alguém esteve aqui para falar com Billy Royce? – perguntou Allan.

O rapaz sorriu distraidamente.

— Não me lembro – respondeu.

Allan sabia que ele estava mentindo. Tirou a carteira do bolso e contou cinquenta dólares.

— Isto lhe reavivaria a memória? – perguntou.

O porteiro olhou para o dinheiro. Tocou nele com o dedo, cautelosamente, depois riu.

— Não, não me lembro de nada – declarou.

Allan hesitou um segundo. Em seguida, guardou o dinheiro no bolso. Alguém tinha pago muito bem ao rapaz para guardar silêncio ou ele estava com medo de falar. Sabia que a polícia em breve viria ao hotel e era mais do que certo que lhe faria perguntas.

Certamente não queria passar alguns dias preso como testemunha. Encolheu os ombros.

— O que eu sei não vale cinquenta centavos – disse ele.

Allan saiu do hotel e caminhou a pé a distância de um quarteirão. Entrou numa taverna onde havia um telefone público e ligou para Shirley Royce. Era penoso o que ia fazer naquele momento, mas não podia ser de outra forma.

A moça atendeu o telefone, imediatamente.

— Escute, Shirley – disse Allan. — prepare-se para ouvir o que eu vou dizer. Seja forte, Billy morreu. Mataram-no antes de eu chegar.

Ouviu-a dar um grito abafado e depois nenhum outro ruído. Esperou alguns momentos, em seguida perguntou:

— Está me ouvindo?

— Sim... Oh, é horrível! Que aconteceu?

— Não sei. Mataram Billy. Não à bala nem à faca. Foi

alguém bastante forte para poder fazer o trabalho somente com as mãos. Tenho uma idéia de quem tenha sido.

— Allan, que devo fazer?

Allan procurou pensar. Sabia que a polícia iria procurar Shirley quando descobrisse que o irmão dela fora assassinado. E Billy tinha dito que ela se achava em perigo, também. Quem o assassinou tentava apoderar-se dela antes que a polícia chegasse para protegê-la.

— Saia do seu apartamento a toda pressa – disse Allan. — Estou no 316 da Rua Spring. Tome um táxi e venha para cá imediatamente.

— Vou sair neste momento, Allan – disse ela.

CAPÍTULO VI

Shirley Royce pôs um vestido escuro, leve. Fechou o apartamento e desceu a escada apressadamente. Rua Spring, 216, tinha dito Allan. Queria falar com ele sem demora. Havia qualquer coisa no amigo de seu irmão que lhe dava novas forças. Tirou um lenço da bolsa e assoou o nariz. Chorar não adiantaria para Billy. Nada mais podia ser feito por ele agora.

A moça saiu do edifício e parou para esperar um táxi na calçada. Lembrou-se de que Sam Gold lhe havia dito que alguém estaria de guarda à porta da casa de apartamentos, naquela noite. Olhou para um lado e para outro e não viu ninguém.

Eram quase duas horas. A rua estava escura e deserta. Um vento frio vindo do lago fê-la abotoar a capa. Esperou. Estava tão esgotada de fadiga e medo que nem lamentava a morte do irmão. Só mais tarde ela iria sentir na sua plenitude o golpe que a atingira.

Os faróis de um carro que se aproximava devagar envolveram-na e recuou instintivamente. Quando o carro parou diante dela, teve vontade de correr. Voltou-se com a intenção de refugiar-se no edifício, mas agarraram-na pelos braços e puxaram-na para a rua.

Um homem alto, de ombros curvados, saltou do carro.

Quando ela abriu a boca para gritar, um homem cobriu-lhe os lábios com a mão. Empurraram-na então para dentro do carro. O homem alto, de ombros curvados, sentou-se ao lado dela, a porta bateu e o carro partiu.

A moça começou a gritar então, mas o homem ao lado pôs-lhe a mão no ombro de maneira que o polegar lhe

alcançasse a garganta.

— Não seja louca – disse ele, fazendo pressão com o dedo.

* * *

O carro ganhou velocidade. Dois homens viajavam na frente. O motorista tinha a pala do boné puxada sobre os olhos e o homem ao lado dele era baixinho e louro, com o cabelo aparado rente.

— Queremos saber do seu irmão – disse o homem que ia ao lado dela. — Temos bastante tempo, mas seria melhor se você falasse depressa.

— Para que o querem? – perguntou a moça.

— Diga a ela para que o queremos – disse o motorista. — É uma história bonita e interessante.

— Talvez ela goste – disse o homem ao lado dela, com um leve sorriso. — Seu irmão fez um trabalho conosco. Foi um serviço limpo. Eu e o homenzinho que vai na frente tiramos a férias de um dia de uma casa de câmbio. Entregamos o dinheiro a um amigo nosso. Para falar com clareza, entregamos o dinheiro ao nosso chefe. Saímos para um lado, ele saiu para outro. O chefe deu o dinheiro ao seu irmão. Depois, ele foi por um lado e seu irmão para outro. — O homem deu uma risada forçada. — Isto é que se chama estratégia. Depois de algumas horas reunimo-nos todos para dividir os lucros. Adivinha o que aconteceu?

O homem fez uma pausa.

— Não adivinha? Ora, não a deixarei quebrar a cabeça. Seu irmão não apareceu. Foi o último que ficou com o dinheiro. Deve ser um camarada muito esperto. Achou que seria tolice dividir o dinheiro com os outros, podendo ficar com ele todo. Foi isto que nos desgostou. Pensamos que ele se comunicaria com você para contar a boa sorte que tinha

tido. Seu irmão não apareceu e pensamos que você nos pode informar onde ele está.

— Sim – respondeu a moça. — Posso dizer que ele morreu. Mataram-no esta noite.

Começou então a chorar. Durante alguns momentos, não houve outro ruído no carro além dos soluços dela. Quando pôde conter as lágrimas, enxugou os olhos.

— Agora sabem onde meu irmão está – disse ela. — Acho que isto os satisfará.

* * *

Nenhum dos homens replicou.

— Pare em algum lugar, Joe – disse finalmente o homem que ia ao lado dela. — num lugar onde possamos conversar.

— Que mais querem de mim? – perguntou a moça.

Ninguém respondeu e nada mais foi dito até o carro parar numa rua escura perto de um terreno baldio.

Os homens acenderam cigarros. Joe, o motorista, e o homenzinho louro se voltaram no banco da frente e olharam para o companheiro.

— Então? – disse Joe.

— Billy morreu – disse o homem ao lado da moça.

— Talvez – disse o homem louro.

— Sim, talvez.

Os três olharam em silêncio para a moça.

— Como sabe que ele morreu? – perguntou finalmente o homem ao lado dela.

— Recebi um telefonema de um amigo – respondeu a moça.

— Que amigo?

— Um amigo chamado Allan Mason – respondeu ela.

— Mason? – disse Joe. — É o abelhudo. O sujeito que pusemos no trem.

— Ele deve ter saltado.

— Não pensamos que fosse tão teimoso – disse o homem ao lado da moça.

Houve um momento de silêncio.

— Quem matou seu irmão? – perguntou finalmente o homem alto, de ombros curvados.

— Não sei – respondeu a moça. — Sei apenas que foi estrangulado.

Os três homens se entreolharam.

— Isto é muito interessante – disse finalmente Joe. — Não acha que é interessante, Duke?

— Talvez – replicou Duke, o homem sentado ao lado da moça. — Talvez ele tenha recebido o dinheiro de Billy.

— Billy não estava envolvido no roubo que os senhores praticaram – protestou a moça. — Recuou no último instante. Disse-me que havia tomado um avião para fora de Chicago. Podem verificar se é verdade.

Não podendo conter as lágrimas, cobriu o rosto com as mãos.

— É bonito – disse Duke.

— Excelente – comentou Joe. — Como foi então? Ele estava ou não estava no brinquedo?

— E se não estivesse? Se foi para Nova York, quer dizer que levou o dinheiro.

— Quem sabe se o rapaz não foi a última pessoa que ficou com o dinheiro? – disse Joe. — quem sabe se o penúltimo não guardou o dinheiro e nos disse que o havia entregue ao rapaz? Não seria engraçado?

— Muito engraçado, realmente.

— Imagine que, depois, o outro tenha encontrado o rapaz na cidade. Se encontrássemos Billy, ficaríamos sabendo a história toda! Pode ser que nosso camarada tenha matado o rapaz para ficar com o dinheiro todo. Estou achando o caso cada vez mais interessante.

— Eu não – disse o homem louro.

— A coisa está-me deixando intrigado – comentou Joe.

— Talvez o outro camarada tenha escondido o dinheiro e agora nos diga que foi Billy quem o escondeu. Quando tivermos perdido a esperança de encontrar o dinheiro, o sujeito que ficou com ele embarcará para Cuba ou para a França. Que acham Duke?

— Vamos – disse Duke — talvez no final das contas sejamos nós que vamos para Cuba ou para a França.

— E a moça?

— Ficaremos com ela por algum tempo – sugeriu Duke.

— Talvez no fim a gente descubra qualquer coisa.

* * *

Allan esperou durante duas horas no bar da rua Spring. Telefonou para o apartamento de Shirley Royce quatro vezes na primeira hora, mas não obteve resposta.

Voltou para o bar, depois do último telefonema e olhou pensativamente para o seu copo de cerveja. Qualquer coisa havia acontecido, evidentemente. Talvez a moça não tivesse confiado nele e houvesse chamado a polícia. Ou talvez alguém a tivesse seqüestrado.

Terminando a cerveja, Allan saiu do bar. Restava-lhe apenas uma pista. Quando fora seqüestrado pelos três homens, estes o haviam conduzido a um hotel nas proximidades da Rua 35. Lembrava-se disso e estava quase certo de que encontraria o lugar. Não sabia o que faria quando lá chegasse, mas não podia fazer outra coisa...

Enquanto esperava um táxi, pensou no motivo pelo qual se estava envolvendo em tudo aquilo. Não seria por um palminho de rosto emoldurado por uma cabeleira loura? Possivelmente...

Saltou do táxi na esquina da Rua 35. Pouco adiante, havia

uma pequena multidão na rua, rodeando dois carros da polícia e uma ambulância parados diante de um hotel de seis andares.

Aproximou-se do grupo, com o chapéu puxado sobre os olhos. Esperou durante alguns minutos depois deu um palmadinha no ombro do homem à sua frente.

— Que aconteceu? – perguntou.

— Um conflito – respondeu o homem, sem voltar a cabeça — Estão trazendo os feridos agora.

A multidão avançou quando as portas do hotel se abriram de súbito. Um interno de guarda-pó branco saiu segurando os paus de uma padiola.

Allan abriu caminho entre os curiosos. A padiola passou à frente dele e pode ver bem o rosto do homem que ia nela.

Era um homem moreno, de rosto fino. Tinha no paletó cinzento uma mancha de sangue.

Quando a padiola passou, Allan dirigiu-se a um policial uniformizado. Sabia que se estava arriscando, porém, não pôde conter o desejo de obter informações.

— Eu sou do "Herald" – disse, metendo a mão no bolso para tirar a carteira — Que houve? E como é seu nome, senhor guarda?

— Moran – respondeu o policial, denotando interesse.

Allan fez um gesto vago de abrir a carteira e tornou a guardá-la no bolso.

— Que aconteceu? – perguntou.

— Os bandidos levaram bala – respondeu o policial.

Allan passou à frente dele e entrou no hotel. Duas padiolas estavam no chão e em torno delas havia vários detetives. O porteiro, encolhido num canto, parecia amedrontado.

Allan olhou para os homens estendidos nas padiolas.

O homenzinho louro, de cabelo aparado rente, mesmo depois de morto tinha um certo ar alegre na fisionomia. Ao

lado dele, estava o homem que guiara o carro. O rosto deste não parecia alegre. Recebera, abaixo do olho esquerdo duas balas que lhe tinham arrancado metade da face.

Allan se aproximou do porteiro.

— Onde está o chefe? – perguntou.

O homem abanou a cabeça, aterrado.

Allan olhou um momento para o chão, de sobrolho carregado. Até aquele momento não havia encontrado sequer vestígios da moça. Tirou um níquel do bolso e caminhou para o telefone de parede.

Discou o número dela. Não esperava que ela respondesse, mas quando isso aconteceu, seu coração deu um salto.

— Que lhe aconteceu? – perguntou ele.

— Nada.

— Está passando bem?

— Sim.

Allan não pôde perceber nada na voz dela. A moça parecia falar com frieza e indiferença.

— Por que não apareceu? Telefonei e não obtive resposta. Onde estava?

— Sai por alguns minutos – respondeu ela.

— Houve alguma coisa – informou Allan. — alguns dos sujeitos que estavam tão interessados por você e seu irmão foram mortos esta noite.

— Onde? – perguntou ela.

— Oh, na esquina da Rua 35?

Os receios de Allan voltaram de súbito. Ela estivera ali. E, naquele momento, não estava sozinha.

Como último recurso, contemporizou.

— O principal é que você está bem – disse ele — Estive preocupado a seu respeito.

— Tolice – disse a moça.

Allan baixou a voz para um murmúrio.

— Já sei do que se trata – disse ele. — Espere.

— Está certo. Telefone para mim outra vez — pediu ela.

Allan ouviu-a desligar o telefone. Saiu do hotel a toda pressa. Os outros cadáveres tinham sido levados. A ambulância já não estava na rua. O número de curiosos diminuía.

Allan caminhou até à esquina e partiu então na carreira. Correu até encontrar um táxi.

A entrada do edifício de apartamentos estava deserta. Apenas o porteiro lia uma revista. Ergueu a vista e olhou para Allan.

— Tem outra chave para o apartamento de Shirley Royce? — perguntou Allan.

— A Srta. Royce não está e eu não podia dar-lhe uma chave do apartamento dela — disse o homem.

— Ela não está? Tem certeza?

— Naturalmente. Passei aqui todo tempo. Vi-a sair há algumas horas, mas ainda não voltou.

— Há outra entrada?

— Bem, ela podia ter entrado pelos fundos, mas não haveria motivo para isso.

— Telefone para o apartamento dela — pediu Allan. — Se estiver pergunte qualquer coisa, como se quer que arrume o quarto amanhã, ou outra coisa assim.

— Que significa tudo isso? — perguntou o porteiro, levantando-se. — Não podemos...

Allan estendeu a mão por cima da escrivaninha e agarrou-o pela gola.

— Faça o que estou dizendo, ouviu?

— S-sim — respondeu o homem.

Fez uma ligação na mesa telefônica ao pé da escrivaninha. Após alguns instantes, uma expressão de surpresa apareceu-lhe no rosto.

— Alô, Srta. Royce. Eu não sabia se estava no apartamento. Queria saber se quer que mande a arrumadeira

amanhã. Não quer? Muito bem.

O porteiro desligou e olhou para Allan.

— Imagine isto – disse ele. — ela esteve todo o tempo em casa.

— Dê-me a outra chave do apartamento dela – disse Allan. — Telefone para a polícia vir aqui imediatamente.

— Não estou compreendendo...

— Dê-me a chave! — atalhou Allan.

O homem entregou a chave. Allan subiu no elevador até um andar acima do de Shirley Royce e desceu de escada. Percorreu o corredor nas pontas dos pés. Chegou diante da porta do apartamento da moça e parou. Escutou durante algum momentos, contendo a respiração. Nenhum ruído se ouvia no interior do apartamento.

Usando uma das mãos para firmar a outra, introduziu a chave na fechadura e fê-la girar lentamente. Quando a fechadura se abriu, empurrou a porta com o pé e entrou de súbito.

Parou não menos bruscamente.

O homenzarrão do hotel estava sentado no sofá.

* * *

A arma que ele empunhava parecia uma miniatura naquele imensa mão. Estava apontada firmemente para o peito de Allan. O homem permanecia inteiramente imóvel no sofá em que parecia mal caber o seu volumoso corpo.

Não tinha no rosto qualquer expressão. A enorme papada sob o queixo balançou quando ele abriu a boca para falar.

— Feche a porta.

Allan obedeceu e caminhou até ao centro da sala. Viu então a moça. Estava sentada num canto, observando-o.

— Ela lhe avisou que eu estava aqui – disse o homenzarrão. — Foi esperta. Eu gosto das pessoas espertas,

porque sou uma delas.

— Não muito esperto – disse ela. — Agora não poderá sair sem me levar. E prefiro morrer a acompanhá-lo. – voltou-se para Allan. — Ele me trouxe porque é muito gordo para caber no lugar do chofer. Não pode guiar.

O homenzarrão deu um suspiro.

— É verdade. Este meu tamanho tem suas desvantagens. – levantou-se com surpreendente agilidade para um homem do seu corpo. — entretanto, tem também suas vantagens.

Caminhou lentamente para Allan. Estendeu a mão, agarrou o ombro de Allan e levantou-o do chão.

— Vou sair agora – disse ele. — A moça vai comigo para guiar o carro. Tenho o dinheiro e nada me acontecerá, portanto.

Allan forcejou para soltar-se da mão gigantesca que o prendia, mas foi como se lutasse com um urso.

— Você está louco – disse ele. — A polícia estará no seu encalço dentro de alguns minutos.

O enorme rosto não se perturbou.

— A polícia não é inteligente – disse ele. — Seja como for, não posso ficar aqui. Matei o irmão dela. Depois, aqueles rapazes desconfiaram do que eu tinha feito e tive de liquidá-los também. Acho que agora devo ir.

Meteu a pistola no bolso do paletó. Em seguida ergueu um punho do tamanho de um presunto e abateu-o sobre a cabeça de Allan. Allan deu-lhe dois socos, mas foi como se batesse no flanco de uma montanha. Sentiu-se cair para trás. Ouviu a moça gritar e uma completa escuridão o envolveu...

* * *

Quando recuperou os sentidos, a sua cabeça estava repousando numa coisa maravilhosamente macia. Outra coisa sedosa e perfumada acariciava-lhe o rosto e quando

abriu os olhos viu Shirley Royce.

Estava com a cabeça no colo dela e seus louros cabelos roçavam-lhe na face. Levou a mão a um dos lados da cabeça. A moça passou os dedos na testa dele e sorriu.

— A polícia chegou quando íamos saindo – disse ela. O homenzarrão era um alvo muito grande para que os tiros se perdessem.

— Mataram-no? – perguntou Allan.

— Sim.

— Desculpe não ter podido ajudá-la mais – disse Allan.

— sinto muito tudo o que aconteceu.

A moça abraçou-o com mais força.

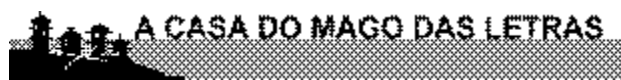
— Tudo já passou – disse ela.

Sam Gold entrou no quarto alguns minutos depois. Começou a dizer qualquer coisa e depois olhou para os dois jovens.

— Provavelmente não me ouvirão – murmurou ele. Saiu e fechou quietamente a porta.

FIM

RocketEdition™



www.acasadomagodasletras.com

eBooksBrasil
www.ebooksbrasil.com

Dezembro - 1999

pdf: eBooksBrasil.org — Maio 2008